

AÇORES
TEMPORADA
DE MÚSICA 2010
 www.azorestemporada.com

Uma iniciativa da Presidência do Governo Regional dos Açores através da Direcção Regional da Cultura

A crítica musical no período republicano

MARIA JOSÉ ARTIAGA
PROFESSORA INVESTIGADORA DO CESEM

A imprensa portuguesa, a partir do século XIX, adquiriu uma dinâmica e um papel de enorme relevo na divulgação e comentário dos diversos acontecimentos nacionais e internacionais. Como escreveu Oliveira Marques, na sua História de Portugal de 1991 (Vol. XI), “O Portugal de então era um país de jornais”.

No caso da música portuguesa, a sua importância revelou-se ainda mais crucial, dada a escassez de obras historiográficas e ensaísticas neste domínio durante o século XIX e primeira parte do século XX. Através da imprensa foi possível conhecer os protagonistas de cada época, os temas que mais mobilizaram os músicos e o público, as questões que desencadearam maior polémica, o posicionamento político e estético dos seus autores.

Desde 1855 que se começou a assistir a algumas tentativas de criação de uma imprensa musical especializada. Contudo, a vida desta foi sempre irregular e efémera, apesar de alguns títulos, nos anos setenta, terem levado a acreditar numa existência mais longa. Só a partir da década de 1880 se vai verificar uma maior longevidade dos títulos, nomeadamente com a revista *Amphion*, assistindo-se no final de noventa ao aparecimento de dois periódicos de alguma estabilidade: a *Arte Musical* (1899 e 1915), sob a direcção do músico e editor Miguel Ângelo Lambertini, e *O Eco Musical* (1911-1917) que será dirigido por alguns músicos e estudiosos marcantes da vida musical portuguesa como Ernesto Vieira e Moreira de Sá. Outros títulos existiram, mas a sua vida foi mais efémera.

O programa que é anunciado por cada um dos periódicos — *Arte Musical* e *Eco Musical* — é diferente. Enquanto o primeiro tem como principal finalidade contribuir para o desenvolvimento cultural e artístico, dar a conhecer os músicos portugueses do passado e do presente, fazer uma crítica isenta dos eventos musicais e atualizar o público do que estava a ocorrer na

cena internacional, o segundo assume-se claramente como um jornal da classe musical que pretende lutar pelos direitos dos seus profissionais, em suma “ser uma folha de combate”.

De entre as várias rubricas, a *Arte Musical* dá o maior enfoque ao ensino da música, às novas pedagogias como a de Dalcroze e, com particular veemência, ao Conservatório e à necessidade da sua reforma, imprescindível para o aparecimento de uma “música nacional”. A questão do nacionalismo virá desenvolvida sob a forma de várias propostas como: a constituição de uma orquestra sinfónica que o país ainda não possuía, a criação de uma ópera nacional onde se cantassem óperas portuguesas e óperas estrangeiras em português. Outro tema que merece uma abordagem frequente da revista refere-se aos instrumentos musicais. Dá-se a conhecer as inovações técnicas por que estão passando, aborda-se o conhecimento detalhado dos instrumentos do passado e defende-se a criação de um museu instrumental em Lisboa que albergue coleções existentes. Os aspectos científicos da música são alvo de interesse regular pela revista, nomeadamente algumas questões técnicas referentes às descobertas feitas no domínio da acústica e o conhecimento da linguagem musical de outras culturas como as asiáticas. As questões relacionadas com a cultura musical abrangem igualmente a música portuguesa, com vários artigos sobre folclore considerado no seu conhecimento científico. A colaboração do compositor Luís de Freitas Branco dá origem a vários artigos no âmbito da estética musical, até aí pouco comuns.

De maneira geral, é constante a preocupação pela divulgação do que se faz no estrangeiro e, nesse sentido, é de sublinhar a referência a vários músicos contemporâneos de relevo como Mahler, Debussy, Ravel e Stravinsky em 1913, o ano da estreia da *Sagração da Primavera*. Quanto ao periódico *Eco Musical*, e depois de Ernesto Vieira ter sido substituído por doença e morte, caracterizava-se essen-



Primeira página do periódico *Eco Musical*

cialmente por: defender os interesses profissionais dos músicos militares, não só no que respeitava às carreiras e remunerações como ao direito destes poderem ensinar no Conservatório; fazer a crítica dos concertos; discutir questões pedagógicas, quer ao nível do ensino no Conservatório quer no dos liceus; traduzir ensaios de autores estrangeiros; publicar ensaios/conferências de músicos e críticos portugueses.

Devido à intensa vida concertística — por oposição a épocas anteriores —, fruto do Teatro de S. Carlos ter sido praticamente encerrado, e devido à actividade orquestral de David Sousa e Pedro Blanch, em Lisboa, e de Raimundo de Macedo no Porto, no período entre 1915 e 1917, toma particular relevância o pensamento musical dos colaboradores



Governo dos Açores
PRESIDÊNCIA DO GOVERNO
Direcção Regional da Cultura

como *A Morte e Transfiguração* de Richard Strauss. Um dos críticos considera que se trata de uma “quase ininterrupta e fatigante sucessão de dissonâncias que nos ferem o ouvido, só muito raramente vislumbrando-se, aqui e ali, uns mal esboçados traços melódicos”. A extensão de outras obras, como a da 4ª sinfonia de Schumann, é considerada excessiva, faticando quem a ouve, e o 2º andamento da 2ª sinfonia de Brahms é considerado “fastidioso” por empregar tanto a orquestra. Os compositores mais apreciados por estes periodistas são os franceses. Debussy e Ravel são recebidos favoravelmente pela crítica em obras como *La Mer*, *Ma Mère l’Oye*, ou o prelúdio *L’Après-Midi d’un Faune*, este último, também do agrado do público. Na opinião de um crítico: “o sr. Debussy quando não envereda pelos nebulosos caminhos do futurismo é um *charmeur* irresistível”.

Se, em termos de linguagem musical, a simplicidade, o favorecimento da melodia, a utilização parcimoniosa da orquestra parecem obter os favores do público e da crítica, esse paradigma já não é observado na música italiana, estigmatizada neste período.

O favoritismo pela música francesa só tem rival na música russa, cujo país é considerado, nas palavras de um jornalista, o “mais musical da Europa!”, constituindo as obras dos seus compositores, nomeadamente do “grupo dos cinco”, a “música do futuro”. Esta opinião, alargada a outros compositores, em particular a Tchaikowsky, parece ser partilhada, pelo menos em parte, pelo público, nomeadamente em obras de carácter mais descritivo como a *Abertura 1812*.

Em suma, não obstante os compositores clássicos, Beethoven em particular, e as sonoridades orquestrais de Wagner recriarem o cânone da vida musical neste período, o relato que obtemos dessa recepção contraria essas ditas preferências apontando para outras opções estéticas, nomeadamente a música francesa de Berlioz e Massenet. ♦

Locais de Concerto nos Açores

Centro Cultural da Ilha Graciosa

Inaugurado a 8 de Agosto de 1996, o Centro Cultural da Ilha Graciosa é um edifício moderno projectado pelo arquitecto Miguel Cunha. Situado na Rua do Mercado é um espaço multifuncional, preparado para a concretização das mais diversas actividades culturais desde conferências, exposições, teatro, música, dança, festivais, entre outros.

O grande auditório com capa-

cidade para 260 lugares sentados é normalmente utilizado para a projecção de filmes, concertos e teatro. Com uma ampla zona de palco, com 15 metros de altura, e uma caixa de ressonância pensada para concertos acústicos e teatro, tem uma boca de cena de 12 metros e 120 metros quadrados de área total. A área técnica está equipada com uma carpintaria, cabine de luz e som, cabine de projecção e uma cabine para bombeiros. Tem também uma zona com camarins duplos, uma sala de convívio e uma sala de adereços. O fosso de orquestra



Centro Cultural da Ilha Graciosa

é outra das particularidades deste Centro Cultural, que é pouco comum nos equipamentos culturais dos Açores, o que torna possível a programação de baila-

dos com orquestra e de espectáculos de ópera.

No andar superior estão situadas as salas de conferências e de exposições, uma zona de bar com

varanda e ainda uma pequena sala com capacidade para cerca de 50 a 60 pessoas podendo ser utilizada como café concerto. ♦ MARIA JOÃO RODRIGUES

Compositores da Época da República

Nome: Francisco de Lacerda
Nascimento: São Jorge (Açores), 11 de Maio de 1869
Morte: Lisboa, 18 de Julho de 1934

Obra principal: música de cena para *L'intruse*, de Maurice Maeterlinck, os poemas sinfónicos intitulados «Almourôl» e «Alcácer», música de bailados, *Trovas*, para voz e piano (algumas das quais também para voz e orquestra), *Trente-six heures pour amuser les enfants d'un artiste*, para piano, e outras peças para este instrumento e para órgão.



Francisco de Lacerda

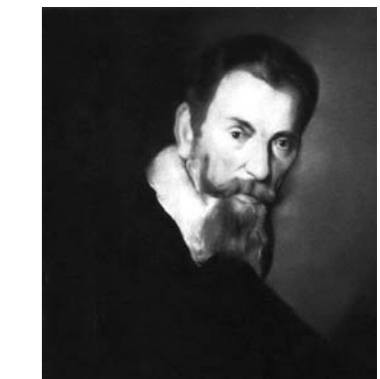
Natural de São Jorge (Açores), estudou em Lisboa, no respectivo Conservatório, e em Paris, na Schola Cantorum, onde foi aluno de Vincent d'Indy. A residir em França, onde permaneceu longas temporadas, tomou contacto com eminentes figuras da música e da cultura do seu tempo, tais como Manuel de Falla, Claude Debussy, Erik Satie,

Isaac Albéniz, Romain Rolland e Eça de Queirós, então cônsul de Portugal na capital francesa. Em 1904 assumiu a direcção dos concertos do Casino de La Baule (Loire-Atlântico), à frente dos quais se manteve por muitos anos, e em 1913 o próprio Diaghilev o convidou para uma digressão à América com os célebres Ballets Russes, convite que no

entanto se viu forçado a declinar por motivos de força maior. Entre 1912 e 1913 e entre 1925 e 1928 dirigiu os Grandes Concertos Clássicos de Marselha e, no entanto, permaneceu na sua terra natal, onde se dedicou a compor e a aprofundar o estudo da música tradicional açoriana. Além da sua acção se ter desenrolado fundamentalmente

como chefe de orquestra, havendo neste capítulo que destacar o seu protagonismo na criação da Orquestra da Suíça-Romanda, importa referir que o seu interessante legado criativo abrange desde música sinfónica a música de câmara, passando por harmonizações de canções populares e por música de piano. ♦ JOÃO BORGES DE AZEVEDO

SABIA QUE...



C. Monteverdi (1567-1643)

Para alguns críticos, a música de Monteverdi era demasiado vanguardista e revolucionária. Foi o caso do teórico conservador Giovanni Maria Artusi que lhe condenou as dissonâncias e os cromatismos nestes termos: “a música feita pelos antigos produzia efeitos maravilhosos sem essas brincadeiras, mas esta é apenas insensatez”. Monteverdi ripostou, afirmando: “Eu não componho as minhas obras através do acaso (...). O compositor moderno compõe sobre os alicerces da verdade.” ♦

Ciclo de Laureados em São Miguel e no Faial

Este mês de Novembro a Temporada de Música 2010 trará às ilhas de São Miguel e do Faial dois grandes destaques do Ciclo de Laureados: o pianista Paulo Oliveira e a flautista Adriana Ferreira

No dia 13 de Novembro, às 21h30, no Teatro Ribeiragrandense terá lugar um recital de piano com Paulo Oliveira, que irá assinalar o bicentário do nascimento dos compositores F. Chopin e R. Schumann. Paulo Oliveira é um dos melhores pianistas portugueses da sua geração e foi o vencedor do concurso de piano integrado no Festival Chopin (2010), que teve lugar no Teatro São Luiz, em Lisboa. Concluiu recentemente o seu doutoramento com o eminente pedagogo pianista Sequeira Costa, na Universidade do Kansas (EUA).



Adriana Ferreira e Paulo Oliveira

No dia 19 de Novembro, às 21h30, no Teatro Micaelense, Adriana Ferreira (flauta transversal) e a pianista espanhola Isolda Rubio, irão interpretar obras de J. S. Bach, C. Saint-Saëns, F. Borne, F. Poulenc, Alexandre Delgado e S. Prokofieff. O mesmo concerto será

apresentado no Teatro Faialense, no dia 20 de Novembro, às 21h30.

Adriana Ferreira, com 19 anos de idade, foi a vencedora da 4.ª edição do Concurso Internacional de Flauta «Carl Nielsen», na Dinamarca, que é considerado o mais importante concurso de flau-

ta transversal ao nível mundial.

O Ciclo de Laureados da Temporada de Música 2010, é patrocinado pela EDA (Electricidade dos Açores) e terminará no próximo dia 11 de Dezembro, no Auditório Municipal de Velas, em São Jorge, com o fagotista Rui Lopes. ♦ MJR



F. Mendelssohn (1809-1847)

Mendelssohn tinha um grande sentido de humor. Certo dia, em Londres, ao tocar num recital a Sonata ao Luar, foi permanentemente incomodado pelo abrir e fechar de um leque de uma senhora que se encontrava na assistência. Não se mostrando aborrecido, acabou aquela conhecida obra de Beethoven a repetir várias vezes os arpejos finais ao ritmo daquele insistente ruído. ♦